



A CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO NEGRO NA CONSTÍTICA NEGRO-BRASILEIRA DO SÉCULO XIX AO XX: UMA TENTATIVA DE REEXISTÊNCIA

João Vitor Domingos do Nascimento¹

RESUMO

A vida da população negra do Brasil sempre foi marcada por desafios, já que a sua existência é perpassada pelo racismo estrutural enquanto legado da escravidão e da cidadania negada aos indivíduos no pós-abolição. Por tal razão, até hoje essa população vive, em sua maioria, à margem em aspectos políticos, econômicos e sociais. Deste modo, a sua presença no âmbito da produção artística brasileira, sobretudo na literatura, foi conseguida através de luta constante. A garantia por espaço de fala e as tentativas de consegui-lo se iniciam ainda no século XVIII com Domingos Caldas Barbosa e começam a ganhar força e a se solidificar, ainda que muitas das vezes marginalizada, aos finais do século XIX, com figuras como Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis, Cruz e Sousa e Lima Barreto. Assim, o presente trabalho buscou discutir sobre o histórico da autoria negra brasileira, tomando como base a caracterização das personagens negras dentro do conceito de literatura negro – brasileira. Em cotejo ao já exposto, se buscou entender o papel da BNCC e do Currículo de Pernambuco, em seus estímulos ou a ausência deles para o trabalho com esta literatura; assim como a aplicabilidade desta escrevivência, para as práticas de letramento de reexistência em sala de aula para uma educação antirracista. Para a feitura deste trabalho, analisamos em nosso corpus de maneira quantitativa contos de autoria negra dos séculos XIX e XX; Assim sendo, esta pesquisa esteve baseada nas discussões propostas por Assis (2020), Cuti (2010), Evaristo(2020), Soares(2002) e Souza(2011).

Palavras-chave: LITERATURA, LETRAMENTO, REEXISTÊNCIA, NEGRO-BRASILEIRA, ENSINO

INTRODUÇÃO

A violência sofrida pela população negra brasileira remonta há séculos. Ela foi perpetuada e a sua normalização garantiu a solidificação dos mais variados ataques ao indivíduo negro. Assim, o negro foi caracterizado como negativo, preguiçoso, insolente, tendo o seu corpo demonizado, animalizado e os seus direitos totalmente anulados (Pinsky, 2015). Tal violência ao continente africano, arquitetada pelo desejo europeu de possuir e controlar, mitigou a vida da população africana e depois a negra (Mbembe,2018). Tais absurdos se assentaram na roda da elite dirigente, o que acarretou no Brasil mais de quatrocentos anos de tráfico e consequente escravização (Mattoso,2016), como consequência foram acarretados aos negros e africanos os mais variados tipos de caracterização nas artes, sendo na literatura a mais frequente delas. Nos estudos decoloniais, é sabido que a literatura brasileira esteve durante muito tempo à disposição das ideologias racistas e eugenistas patrocinadas pelo regime colonial. Este trabalho tem como propósito realizar um caminho contrário, busca

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras – Português da Universidade Federal de Pernambuco - PE, domingos.jvn@gmail.com; Este trabalho foi produzido como pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso e foi orientado pelo Prof. Dr.Clecio dos Santos Bunzen (CE – UFPE).



entender através de investigação como se dá a caracterização do negro dentro da literatura de autoria negra brasileira, em específico contos de autores e autoras negras, para que através do entendimento dessas caracterizações possamos entrever caminhos para uma educação étnico-racial de conscientização através de letramentos de reexistência (Souza, 2011). Para este fim, observamos o que orienta a BNCC (Brasil, 2018), a fim de realização do trabalho didático com rodas de leitura de contos da literatura negro – brasileira.

A escravização do corpo negro na história e na literatura brasileira

A violência sofrida pelos indivíduos negros no Brasil tem a sua gênese no modo como os africanos chegaram deste lado do globo, a complexidade da violência por detrás de tal acontecimento estabeleceu de modo determinante a maneira como os descendentes destes passariam os próximos quatrocentos anos e a posteridade neste país. Como aponta Pinsky (2015) os africanos não chegaram como aventureiros, como comerciantes, eles foram trazidos para cá, arrancados do seio materno, retirados do meio da sua parentela e assim foram refabricadas em animais exóticos e em mão – de – obra necessária para o Novo Mundo fabricado pelos europeus.

A diáspora africana foi o resultado do processo mercantilista a qual o continente africano foi submetido a partir do século XV. Segundo Mbembe (2018) os primeiros africanos chegaram em Portugal no ano de 1444, esses negros e negras recém-chegados provocaram a desestabilização da demografia das cidades lusitanas. Segundo Sousa (2021) em 1452 uma bula Papal aprovou a exploração, captura e escravização dos ‘*infieis*’, ao serem capturados eles seriam condenados a escravidão perpétua, deste modo, sendo a Igreja Católica a principal potência legislativa no período, ela aprovou a escravidão e o tráfico de vidas. Ao mercantilizar o corpo africano, ele foi desumanizado e precificado tendo como respaldo maldições bíblicas pós-diluvianas invocadas sobre Cam, um dos filhos do bíblico Noé.

Sousa (2021), reitera que o processo de mercantilização do continente africano contribuiu para que o europeu o compreendesse sob uma ótica de exotismo e animalidade, apoiando a escravização a partir da perspectiva do diferente a ser conquistado, domesticado, dominado, restringido, e sobretudo usado. Para isso eles o inferiorizam, conseguindo através da: “*noção de raça* representar as humanidades não europeias como se tivessem sido tocadas por um ser inferior” (Mbembe, 2018, p. 42). Segundo Carvalho (2010), os negreiros eram o início do fim daquela captura, o escravizado era comercializado pelos pumbeiros (agentes do tráfico) levado do sertão até os barracões na Costa. Após as negociações de compra, já acorrentados



aos limbabos (correntes), ele recebia na pele na região do pescoço o monograma de seus proprietários, afirmando a sua condição de propriedade. Segundo Carvalho (2010), antes de serem embarcados, a missão santa daquele trabalho era ratificada, pois, era comum aos portugueses batizar os cativos e lhe dar nomes cristãos. Nos tumbeiros, como ficaram conhecidos os navios de tráfico, os escravizados eram levados para os níveis mais baixos de carga, passando semanas no escuro, salvo, os momentos de banho de sol, eram deixados uns sobre os outros dormindo, se arrastando sobre os excrementos, e algumas vezes com algum colega morto, como narra o personagem Firmino em *Água de Barrela*, da autora carioca, Eliana Alves da Cruz, depois de uma revolta que resultou na morte de alguns dos escravizados, os amotinados foram espancados e acorrentados aos outros cativos, contudo, alguns morreram no meio da escuridão do porão, sendo achados quando começaram a apodrecer. Outra prática bastante comum, comentada por Alencastro (2020), era o superlotação da carga, pois assim se alguns morressem, o prejuízo seria menor.

Ao desembarcarem em solo brasileiro, aqueles que já tinham sido comprados como encomenda eram entregues aos seus compradores, os outros, no entanto, eram comercializados em mercados de escravos. Aos escravos era relegado o trabalho na lavoura, na casa-grande, nas ruas como escravos de ganho essas e outras situações, culminaram no encarceramento do indivíduo negro na marginalidade social. Outro fator que contribuiu para o aprisionamento social, foi o despreparo do governo durante as leis abolicionistas do século XIX, leis essas que culminaram com a promulgação da Lei Áurea de 1888 que proibiu a escravidão em território nacional, no entanto, a não feita de políticas públicas, afim de inserir os negros e negras nos setores da sociedade os relegou às sombras influenciando as suas vidas e das gerações futuras. O espaço de marginalidade reservado aos negros e negras foi refletido nas produções culturais, na pintura, na música e na literatura estabelecida como canônica.

O negro representado pelo branco

Proença Filho (2004), exemplifica em seu estudo, a grande questão por detrás dos estereótipos alcunhados aos negros, o modo como a persona negra é representada em obras do século XIX, por exemplo, os modos como o negro era observado na sociedade do Brasil Império, o negro era retratado através da “estética branca dominante” (Proença Filho, 2004, p.161). Ainda sobre o papel do negro dentro da literatura de estética branca, Proença (2004) traz como exemplo um poema conhecido de Gregório de Matos, onde o negro é apresentado como o que se havia de pior na Bahia, não somente o negro, mas também a classe mestiça,

estes dois grupos, seriam a oferta apropriada para se dedicar ao “demo”. Evaristo (2009), afirma que por meio de sua oralidade, o “Boca do Inferno”, além de satirizar e condenar os dilemas da sociedade baiana de sua época, também contribuiu para a construção do “paradigma de sensualidade e da sexualidade, atribuído às mulheres negras e mulatas presentes na literatura brasileira” (Evaristo, 2009, p. 20). Ainda sobre a representação do negro pelos olhos brancos, podemos apreender sobre o caso de Isaura, para Proença Filho (2004), o negro nesse exemplo, é observado sob o ponto do escravo nobre, aquele que consegue ascender em observação ao branco, se humilhando e buscando através de atitude remissiva um certo branqueamento, atitude essa também observada no romance O Mulato de Aluísio de Azevedo. Nos raros momentos em que é dado ao negro algum traço de humanidade, ele é dado a partir do momento em que o negro passa a imitar o branco, em um movimento mimético apontado por Fanon (2020) ao observar a relação entre negros e brancos, onde muitas das vezes o comportamento do negro é imposto pelos brancos, onde o negro para se torna parte da sociedade passa a imitar o branco em suas atitudes e a fim de ser incluído em seu meio. Sobre as negações associadas aos negros, Evaristo (2009), percebe que em dado momento durante o indianismo brasileiro, praticou – se a negação do negro como figura formativa da identidade brasileira, sendo esse espaço unicamente preenchido pelo indígena e mesmo que o seja, conforme observou Evaristo (2009), esse indígena é alguém europeizado. Segundo Evaristo (2009), o sujeito africano durante décadas dentro da literatura, foi silenciado, ele é impossibilitado de usar a linguagem, conforme ela aponta no romance O tronco do Ipê (1964), pois Pai Benedito, um dos personagens negros, é descrito como portador de uma ‘linguagem gutural’, não humana, não capaz de se apropriar da linguagem do colonizador (Evaristo, 2009, p. 22). Ainda conforme Evaristo (2009) e Freire (2023) a mulher negra é totalmente sexualizada e animalizada, ela representa um perigo para as senhoras brancas, um ser contrário ao matrimônio, feito apenas para a satisfação de desejos passageiros, ela é afeita ao amor. Duas personagens femininas de O Cortiço (1890) de Aluísio de Azevedo servem para exemplificar tal movimentação da escrita, publicado no ano de 1890 ele é fruto do pensamento cientificista e determinista do período, como aponta Mérian (2008) a literatura desse período se põe a serviço de ideologias dominantes patrocinadas pela classe diligente, desse modo, figuras como Bertoleza e Rita Baiana, duas mulheres negras, servem como exemplo do que deveria ser evitado nessas mulheres. Este dois exemplos empregados nos faz entender a proposta de análise de Freire(2023),_quando ao focalizar o modo como o negro é descrito na literatura branca dominante_ela abre um grande parênteses, pois a determina da seguinte maneira, os negros e negras são representados em dois grupos, com



aspectos rivalizantes entre si, mas que para reafirmam a estereotipia sobre pessoas de cor, personagens negros são representados como : “o negro dócil/mãe preta; o negro ameaçador/ a negra hipersexualizada ” (Freire, 2023, p. 28).

O negro representado por ele mesmo

Segundo Moisés (2006), a etimologia do vocábulo “conto” sempre esteve interligada com uma noção quantitativa, em sua evolução e mudanças que acarretam, ao vincular seu uso à narração, se entende, um conto de história, um pouco de história, ganhando força em Portugal, a partir do princípio de ser esse pouco de “estória”. Ainda No Brasil, o conto foi introduzido, através da fundação do semanário *O Chronista*, que reservava uma secção “*Parte Literária, Científica e Industrial*”. Assim, o grande precursor do conto no Brasil seria Joaquim Norberto de Sousa e Silva, quando de maneira já abasileirada publicou *As duas órfãs*, em 1841. Ainda segundo Herman (1967) e corroborado por Mello (2003), o primeiro contista a escrever observando os moldes europeus foi Álvares de Azevedo, em *Noite na taverna* (1855). No entanto, o posto de maior contista de nossa nação, repousa sobre os ombros daquele que ficaria conhecido, como o “Bruxo do Cosme Velho”, Machado de Assis. A grandiosidade da obra de Machado não repousa somente na extensa lista de suas produções, mas também, por causa da qualidade estética das mesmas. As questões por detrás do conto de autoria negra se constroem através de movimentos específicos de escrita que caracterizam este seguimento de produção. As tristezas e intempéries causadas pelo tráfico, pelo racismo, pelas inúmeras violências, não conseguiu parar, não exterminou o mistério ancestral que penetra todo o corpo negro, todo o corpo africano. Ainda no século XIX, em meio as lutas abolicionistas, em meio ao determinismo, ao darwinismo, a primeira romancista negra surge, Maria Firmina dos Reis, autora de *Úrsula* (1859) decide escrever (Evaristo, 2020) a realidade de diversas mulheres negras vítimas da mão branca escravista, contudo, pontuamos que apesar de já termos um sujeito- narrador que se identifique com o sofrimento dos negros e africanos, ele ainda se dá como afirma Cuti (2010) em certa distância.

Cuti (2010) ao definir o que seria literatura negra – brasileira, a define como toda a produção realizada por descendentes de africanos no Brasil, ela se dá sob a jurisprudência da experiência destes indivíduos negros, sobretudo, ele afirma que não prefere denominá-la como afrobrasileira, pois esta alcunha a definiria como um braço da literatura do continente africano, assim ao determiná-la como negra, ele a entende como uma ramificação da literatura brasileira. Além de ser essa experiência do indivíduo negro brasileiro, a autoria precisamente necessita ser negra e a voz narradora também, não somente o autor precisa narrar/observar o

tema negra, ele precisa vivenciá-lo, contudo, entendemos que os primeiros autores contistas negros, como Maria Firmina dos Reis ou Machado de Assis, ainda nos apresentam vozes um tanto dissidentes, são vozes que se identificam com as adversidades sofridas pela população negra, mas que ainda não são inteiramente negras, como é caso do conto A Escrava (1887), onde a história é contada por uma senhora aristocrata branca que se identifica com as intempéries sofridas pela escrava que dá título à obra. Já em Pai contra Mãe (1906), temos como pano de fundo questões escravidão para narrar a busca desenfreada de um homem branco de conseguir suprir as necessidades de sua família, contudo, apesar de ser pano de fundo, a escravidão está ali, a voz da denúncia se faz ouvir, quando diante de nossos olhos a genialidade de Machado de Assis e de sua voz narrativa nos faz entender que a sociedade branca consegue os seus objetivos através do abuso e do sofrimento infligido aos negros representados pela escravizada que ao final do conto sofre um aborto, graças ao terror de ter que voltar a servir na casa de seu captor.

Ao tentar definir uma literatura negra Cuti (2010) e Bernd (1988) são unânimes em defender uma voz que é negra, uma voz poética, uma voz narradora que é negra, sofre, discute e denúncia as questões sobre o racismo, sexualidade sob o olhar do negro. O fazer literatura negra – brasileira seria o registro gráfico da experiência negra. Sobre o indivíduo que a escreve, Cuti (2010), defende a ideia do sujeito negro, homem, mulher atribuídos de traços negroides que de algum modo suscitem ao fenótipo qualquer traço que remeta, que evidencie o sujeito como possível vítima do racismo; o racismo seria para Cuti (2010) o aspecto crucial que desmaeceria o indivíduo enquanto afro-brasileiro, pois, segundo ele, alguns indivíduos afro-brasileiros podem não ter traços negroides e conseqüentemente não serem vítimas de racismo. Freire (2022) já citada anteriormente, ao tentar definir os horizontes produtivos da literatura de autoria negra, assiná-la que ela se dá a partir de autores e autoras que tem como ideal ser uma voz que vai de encontro com a literatura produzida por brancos, onde existe a estereotipação e degradação da imagem negra. Para a autora a literatura de autoria negra se dá em dois moldes “[...] imagens da ancestralidade e afirmação de negritude” (Freire, 2022, p. 37).

A imagem de ancestralidade seria como ela mesma aponta o “[...] refazimento poético de nossa linhagem africana” (Freire, 2022, p.37), seria o *modus operandi* no refazimento da voz que durante muito tempo foi negada a ancestralidade negra, deste maneira ao seu modo, ela também propõe recontar, refazer a história, seria como Bernd(1988) afirma em empréstimo de Deleuze e Guattari (1977), uma “reapropriação de territórios culturais perdidos”, seria uma



tentativa de recomposição àquilo que já foi contado, assim segundo Freire (2022) romances como *Um defeito de Cor* (2006) e *Água de Barrela* (2016) atuam é sob essa conjuntura, de recompor, recontar uma história que foi apagada. A afirmação de negritude se coloca como um contraponto às ideias de miscigenação e embranquecimento racial. Como afirma Abdias Nascimento (2016) durante muito tempo vigorou no Brasil uma falsa ideia de democracia racial patrocinada por figuras importantes como Gilberto Freyre, autor de *Casa – Grande e Senzala* (1933), a romantização da escravidão e da relação entre os senhores e os escravizados embalou a falsa ideia do Brasil como lugar de paz entre as diferentes raças que constituíram esta nação. Como aponta Nascimento (2016), Gilberto Freyre foi autor de eufemismos raciais que tentaram “racionalizar as relações de raça no país” (Nascimento, 2016, p. 49), fruto do ‘lusotropicalismo’ desenvolvido por Gilberto Freyre, tais eufemismos buscaram ao seu modo muitas das vezes embranquecer e apagar traços africanos e em alguns casos culpabilizar a população negra por atrocidades. Logo, a afirmação da negritude é a contramão desse exercício de apagamento da negritude dos indivíduos, é o exercício de patrocínio a uma valorização do que é ser negro, é a produção de “obras artísticas que destacassem a positivação do ser negro e a importância de empregar tal palavra para se autodefinir” (Freire, 2022, p.41). Ademais a estas duas características de produção, atrevemos entender que a literatura de autoria negra brasileira também se dá por meio da *Escrevivência* termo criado pela autora e professora Conceição Evaristo. Para Evaristo (2020, p.30) a *escrevivência*:

[...] se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo – voz das mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

Deste modo a *escrevivência* seria o grito, a retomada de voz de todas aquelas que durante muito tempo tiveram a sua voz e a sua potencialidade anuladas pelos donos da casa-grande. Se anteriormente como Evaristo (2020) denúncia era regalado a mulher negra em situação de Mãe - Preta (Freire, 2022) o contar histórias a fim de embalar o sono de seus algozes na casa-grande, a escrita das descendentes não será para tal fim: “[...] a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30). Do mesmo modo Cuti (2010) defende uma definição de literatura negro - brasileira que verte a experiência do descendente negro africano, Evaristo (2020) visa defender que as *escrevivências* buscam transmitir as vivências, as experiências deste corpo brasileiro de ascendência africana, afim também de reafirmar elementos cruciais como a ancestralidade, a conexão com os diversos povos africanos, como também com a diáspora negra. Apesar de despontar como jurista negro, Luiz Gama foi dono de uma potente voz poética que até hoje

reverbera, tal voz buscou se colocar a serviço do povo negro, rememorando, redesenhado e sobretudo reivindicando para os seus uma voz coletiva denunciando as violências sofridas pela população negra. É através de Primeiras Trovas Burlescas (1859) que em tom jocoso e cômico este autor de cabelos carapinha tece as mais devidas críticas a população branca, em alguns poemas como aponta Bernd (1988), ele transgride o estatuto social idealizado pela classe diligente e declara brancos, pretos e pardas como iguais. Reestruturando a ordem social vigente, a voz negra se torna coletiva, atingindo todos os envolvidos no mascaramento do racismo vigente na sociedade brasileira (Cutí, 2010). Em uma carta escrita por Lima Barreto datada de Sete de Setembro de 1918, ele defende uma literatura militante, uma literatura que como ele mesmo afirma deve externalizar as qualidades que sentimos uns pelos outros, uma literatura que anuncie que negros, brancos e indígenas podem se entender (Barreto, 2017). Essa figura marcada pelo alcoolismo se mostrou, apesar da sina determinista que inspiravam para a sua vida, um grande retratador dos dilemas da sociedade brasileira no início do século XX. O negro em Lima Barreto é mostrado vítima do racismo, em contos como O Moleque que retrata a rotina de uma mãe negra lavadeira e de seu filho, o negro é mostrado como essa figura colocada à margem da sociedade e que só poderá sobreviver a partir de seu trabalho. Em outro conto, O Pecado, ele satiriza o julgamento divino pregado pela Igreja Católica, ele mostra que os negros e negras apesar de suas qualidades sempre estarão no lugar de réu no tribunal do branco.

Por um trabalho de reexistência com Rodas de Leitura

Em observação aquilo que é proposto pela BNCC referente ao ensino de elementos da cultura afro-brasileira em sala de aula de afim de garantir o exercício da Lei 10.639/03 a qual garante o ensino da História e Cultura de Povos Africanos em toda a escola de educação básica em território nacional, assiná-los a necessidade da realização dessa no ensino de literatura através das Práticas de Reexistências, com a observação daquilo que discute Cosson (2021) ao planejar o ensino de literatura através do que ele trata como Paradigma Social – Identitário. Em diálogo com a Lei 10.639/03 a BNCC orienta os professores a trabalharem em sala de aula elementos da literatura afro-brasileira a BNCC (Brasil, 2018, p. 523) orienta:

No Ensino Médio, devem ser introduzidas para fruição e conhecimento, ao lado da literatura africana, afro-brasileira, indígena e da literatura contemporânea, obras da tradição literária brasileira e de língua portuguesa, de um modo mais sistematizado, em que sejam aprofundadas as relações com os períodos históricos, artísticos e culturais. Essa tradição, em geral, é constituída por textos clássicos, que se perfilaram como canônicos – obras que, em sua trajetória até a recepção contemporânea, mantiveram-se reiteradamente legitimadas como elemento expressivo de suas épocas.

Ao recomendar o ensino de literatura afro-brasileira, a BNCC (2018) a trata como um veio a parte da literatura brasileira, deste modo o professor deve trabalhar este veio marginalizado a fim de realizar a veiculação dele aos discentes. A BNCC se mostra consciente de que muitas obras foram cristalizadas e estabelecidas como o cânone brasileiro, assim seria papel do professor apresentar o cânone ao aluno, mas também dar voz e pôr em cena obras que durante muito tempo foram marginalizadas. É em observação a essas orientações que propomos como caminho metodológico didático de ensino o Círculo de Leitura, Cosson (2014), o fazemos seguindo uma perspectiva de literatura social-identitária revista por Cosson (2020), mas também a partir da perspectiva dos Letramentos de Reexistência trabalhados por Souza (2011). Cosson (2020) ao desenvolver a discussão sobre o paradigma social – identitário por propõe uma revisão no conceito de literatura, assim mesma é considerada como: “uma produção cultural que representa as relações sociais e expressa identidades” (Cosson, 2020, p. 99). Em síntese, enquanto produção cultural a literatura continuaria sendo um conjunto de representações, exposto em diferentes gêneros previamente estabelecidos pela tradição, mas que também pode ter a coleção acrescida de outros gêneros, gêneros periféricos. Todavia, esta literatura enquanto produção cultural vai estar devidamente preocupada em realizar a visibilização das: “desigualdades e embates sociais” (Cosson, 2020, p. 100), o autor afirma que ela estaria em uma “perspectiva mimética” e “homóloga” a sociedade” (Cosson, 2020, p. 100). Seguindo por esta ótica, a literatura vai estar preocupada em valorizar as vozes periféricas, dar voz a todos aqueles que durante muito tempo foram silenciados e eclipsados pela estratificação social. Quanto aos leitores, ela estaria inclinada a realizar “a humanização dos leitores e sobretudo daqueles em formação” e o “favorecimento de empatia social” (Cosson, 2020, p. 100). Quanto aos letramentos de reexistência Souza (2011, p. 37) os define da como a “reinvenção de práticas que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não”. Os letramentos de reexistência se situam como práticas que visam ao seu modo, segundo Souza (2011), repensar as “práticas validadas sociais de uso da língua” (Souza, 2011, p.36), Amorim *et. al* (2022) corrobora que os letramentos de reexistência seriam: “práticas sócio-literárias de resistência à opressão e de potencialização de vozes sociais que sempre foram oprimidas na história do Brasil” (Amorim *et. al*, 2022, p.109). Assim, para o nosso trabalho, os letramentos de reexistência se encontram como esse repensar da prática de linguagem que é a literatura ao buscar dar voz aqueles que durante muito tempo foram olhados sob esquelha vislumbramos uma tentativa reexistente em



que ao dar voz aos silenciados quebramos a barreira das ideias cristalizadas sobre o ensino de literatura brasileira.

O que acordamos aqui são Círculos de Leitura de Reexistência, historicamente a roda de leitura se dá como a reunião de pessoas com um mesmo propósito, a discussão sobre um livro. Segundo Cosson (2014) os círculos de leitura é uma prática social privilegiada que permite a leitura e o compartilhamento das diferentes impressões da obra que possibilitam nova leituras através das diferentes experiências apresentadas sobre o texto. Vianna & Braun (2010) vão considerar os círculos de leitura como um lugar de repensar as práticas escolares que muitas vezes inviabilizam as diferentes origens dos alunos. Dentre às propostas de círculo nos guiamos naquela organizada por Cosson (2014), a primeira dela diz respeito a curadoria das obras a serem lidas pelos alunos, neste caso, o professor estará preocupado em garantir uma identificação socio-identitário dos alunos com as obras para que a partir dela seja apreendida noções étnico-raciais afim de justificar a reconstrução da imagem do negro frente a literatura negro-brasileiro que invés de ser marginalizada, deve ser trabalhada junto ao cânone como orienta a BNCC (2018). Para tal empreitada, entendemos que existe a necessidade de tecer um plano historiográfico dos textos, observando as implicações de Freire (2022), ao entender a literatura de autoria negra sob os dois pontos observáveis “[...] imagens da ancestralidade e afirmação de negritude” (Freire, 2022, p. 37), já citados. Em observação a Cosson (2014), os círculos de leitura devem ser realizados pelo menos de quinze em quinze dias, onde previamente os alunos se dividirão em grupos e a partir destes grupos farão a escolha de qual conto será lido, pelo menos naquele mês; à medida que forem lendo eles deverão realizar o registro de suas observações em um diário a parte, afim de no dia do círculo ele a compartilhe com os demais integrantes do círculo. As obras a serem discutidas são contos escritos por autores(as) negros(as) do século XIX ao XX, em turmas do segundo ano do ensino médio, seguindo o modelo proposto por Cosson (2014). A proposta de contos a serem lidos são os seguintes: Pai Contra Mãe, Machado de Assis; O Moleque, Lima Barreto Ossain, Dono das ervas e médico da religião africana no Brasil, Conto africano da nação. de Ketu Mestre Didi ; Conluio das Perdas, Cuti e A Mãe d’agua, Ruth Guimarães Os contos propostos são exemplos de produções que foram historicamente marginalizadas estando longe dos ambientes de prestígio. Ao entendermos que a literatura tem uma tarefa humanizadora, entendemos tal curadoria como uma ferramenta necessária para além dos letramentos de reexistência, pois, ao mostrar a vertente negra da literatura brasileira, buscamos um exercício



de autorreconhecimento dos alunos negros ao lerem tais obras, no exercício na busca por um passado, por um reconhecimento que muitas vezes não ocorre na literatura canônica.

Bibliografia

- ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. Companhia das Letras, 2020.
- AMORIM, M. A. de.; DOMINGUES, D. NASCIMENTO, D. V. K.; SILVA, T. C. da. **Literatura na escola**. São Paulo: Contexto, 2022.
- BARRETO, Lima. **Impressões de leitura e outros textos críticos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. (No Title), 1988
- CARVALHO, Flávia Maria. Diáspora africana: travessia atlântica e identidades recriadas nos espaços coloniais. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 11, n. 27, 2010
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. Contexto, 2014.
- _____. **Paradigmas do ensino da literatura**. Editora Contexto, 2020.
- CUTI. **Textos Selecionados**. Literafro, 2024. Disponível em: <
<http://www.letas.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/213-cutitextos-selecionados>
 >. Acesso: 10 de outubro de 2024. 3.
- DIDI, Mestre. **Textos Selecionados**. Literafro, 2024. Disponível em: <
<http://www.letas.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/213-cutitextos-selecionados>
 >. Acesso: 10 de outubro de 2024.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, v.13, n.25, p.17-31, 2009.
- _____. et al. **A escrevivência e seus subtextos. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, v. 1, p. 26-46, 2020.
- FREIRE SILVA DA, Sílvia Barros. **Literatura de autoria negra**. Editora Intersaberes, 2023
- MATTOSO, Kátia M. **Ser escravo no Brasil: séculos XVI-XIX**; tradução de Sonia Furhmann - Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- MÉRIAN, Jean-Yves. **O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura**. Navegações, v. 1, n. 1, 2008.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo**



mascarado. Editora Perspectiva SA, 2016.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira. Estudos avançados,** v. 18, p. 161-193, 2004..

VIANNA, Márcia Marin; BRAUN, Patricia. **Rodas de leitura como estratégias de ensino e aprendizagem.. Rio de Janeiro,** 2010.

PINSKY, Jaime. **Escravidão no Brasil.** Editora Contexto, 2015.

SOUSA, Caroline Passarini. **Partus sequitur ventrem: reprodução e maternidade no estabelecimento da escravidão e abolição nas Américas até a primeira metade do século XIX.** 2021. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramento da reexistência. Poesia, grafite, música, dança: hip-hop.** São Paulo: Parábola, 2011.

SOARES, Magda. **Português na escola: história de uma disciplina curricular. Linguística da norma.** São Paulo: Loyola, p. 155-177, 2002.